



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS, CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Distinguindo entre Sexo e Género: A Segunda Onda do Feminismo

Como referido na Nota anterior, durante a segunda fase Feminista, da década de 1960 à de 1980, a sexualidade viria a ser aprofundada como conceito, e melhor compreendida enquanto experiência humana e feminina, num esforço de análise e teorização, pautado por uma boa dose de experimentalismo.

Bem vistas as coisas, o terreno era virgem e não havia tempo a perder. Cedo se começou a distinguir entre a vertente física e psicológica da sexualidade, numa abordagem pessoal e individual que viria a ser alargada, pelos estudos sociais e culturais da época, para a análise da sexualidade enquanto fenómeno social.

Assim, surge uma distinção entre sexo, como categoria biológica, e género, enquanto construção social que desenvolve ao longo do tempo e acompanha as múltiplas e complexas facetas das interações humanas.

A teorização do termo acompanha esta fase do Feminismo, e desemboca na fase seguinte. Exemplo disso é o artigo de Candace West e Don Zimmerman, *Doing Gender*, escrito na década de 1970 mas só publicado em 1987, na revista *Gender and Society*.

Estas análises feministas tomam ainda maior fôlego e relevância se, voltando atrás, pensarmos no que tinha sido, desde os primórdios até ao século XX, o paradigma dominante no estudo do corpo humano, o modelo utilizado na medicina e biologia: a fisionomia do homem.

Assim, a Segunda Onda do Feminismo contribuiu para a maior compreensão das diferenças entre mulheres e homens, entre sexo e género.

Quem não concorda? ♦

Vigília pelas Vítimas do Massacre... Direito: diversidade na sexualidade

Neste mês de junho, foram várias as ações no campo LGBT, incluindo Vigílias em homenagem às vítimas do Massacre em Orlando

CLARISSE CANHA
UMAR-Açores

Um fim de tarde, de sol ameno, banhava a cidade e, brindou o nosso olhar com um arco-íris sobre mar... Estávamos no Campo de São Francisco, onde tanta coisa aconteceu ao longo do ano, numa diversidade de vivências e eventos.

A diversidade humana marcou presença, no dia 22 de Junho, na Vigília pelas Vítimas do Massacre de Orlando. Duas dezenas e meia de pessoas, jovens e menos jovens, mulheres e homens juntaram-se junto ao Coreto, onde a bandeira LGBT esvoaçava sobre uma bandeira branca da Região. Ventos de mudança?

Pedro Morais, organizador da Vigília leu os nomes das vítimas do Massacre... Outro momento especial foi a partilha de testemunhos, de ser LGBT, contados na primeira pessoa. Lembramos outras tantas "histórias escondidas", também partilhadas em outros eventos.

"A diversidade está a passar por aqui" podia ser a palavra de or-



Vigília às Vítimas do Massacre de Orlando. Ponta Delgada, 22 Junho

dem, nesta caminhada pela eliminação das discriminações, como a homofobia e a lesbofobia, que persiste no mundo século XXI.

A Vigília pelas Vítimas do Massacre de Orlando, constituiu mais um momento de referência que se junta a outros momentos como o Festival Pride Azores, decorrido em anos anteriores também na cidade de Ponta Delgada.

Referimos também ações, em junho, no país, como a Vigília no Porto dia 15, de "homenagem às vítimas de Orlando e a todas as que sofrem a violência do heteropatriarcado".

Em Lisboa, dia 18, a 17ª Marcha do Orgulho LGBT de Lisboa. Sob o lema "Celebrar as diferenças, transcender o género!". ♦

Ver mais no Facebook

RITA SIMAS BONANCA



RITA SIMAS BONANCA

HELENA G FERREIRA



EDGAR CABRAL



EDGAR CABRAL



Economia Solidária e Economia Feminista: diálogos necessários

A Economía Solidária tem vindo a tornar-se uma modalidade sócio-económica alternativa a nível mundial. É composta por redes de experiências baseadas na gestão horizontal, e na utilidade socio-cultural e ambiental das suas iniciativas.

O diálogo entre Economia Solidária e Economia Feminista tem a ver com reconhecer os traços androcéntricos que predominam na economia e a que a Economia Solidária não

escapa, reproduzindo invisibilidades e hierarquias.

Superar o estrabismo produtivista que os discursos sobre Economía Solidária têm, assim como visibilizar as práticas e os trabalhos que fazem uma vida vivível, necessita de novos marcos para ampliar aquilo que queremos construir.

Dentro das ferramentas que a Economia Feminista nos proporciona, falamos da sustentabilidade da vida.

Este olhar permite reconhecer o carácter multidimensional e heterogéneo das nossas necessidades, não só em termos materiais, mas também afetivos e relacionais. Ampliamos a noção sobre o trabalho, considerando as tarefas historicamente invisibilizadas, como as domésticas e de cuidados.

Gerar estes diálogos são uma possibilidade para dar luz e inspirar-nos em práticas e experiências que já existem na Economia Solidária e que tratam de colocar no centro, a vida e o seu cuidado. ♦ DANIELA OSÓRIO



ECONOMÍA FEMINISTA

Visibilizar as práticas e os trabalhos que fazem uma vida vivível